



A ESCOLA E SUAS RELAÇÕES COM O BULLYING E O CYBERBULLYING

Wesley Marques da Silva

Doutorando em Educação Física – Universidade de Brasília – UnB / wesleymarques1985@bol.com.br

Resumo: Esta obra busca discutir o *bullying* e o *cyberbullying* no contexto escolar, entendendo este espaço como local de construção cultural e social, propício à ocorrência de práticas violentas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, caracterizando este estudo como qualitativo, sendo um recorte de dissertação realizada na UNIMEP. É uma contribuição para o campo da educação por tratar de um tema relevante a contemporaneidade educacional, e por propor estratégias de intervenção contra a violência virtual ou presencial no âmbito escolar.

Palavras-chave: Escola, *Bullying*, *Cyberbullying*.

1. Introdução

A violência escolar tomou novos moldes de discussão nos últimos anos. No entanto, se por um lado as pesquisas se tornaram vastas, as obras trazem ações ainda pouco efetivas no contexto escolar, visto o grande abismo entre os poderes legislativo, judiciário e executivo, junto à atuação de gestores para programas anti-*bullying* no contexto escolar. Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, as escolas passaram a sofrer não só com o *bullying* presencial, mas também no ambiente virtual, mas conhecido como *cyberbullying*. Com esse novo meio de disseminação de violência, as escolas se veem assombradas. Neste sentido, esta obra visa discutir o *bullying* e o *cyberbullying* na escola e as possíveis estratégias de intervenção para diminuição de ocorrências a partir de uma revisão de literatura.

2. Desenvolvimento

A educação é ao mesmo tempo produção e reprodução, inculcação e resistência, continuidade e descontinuidade, repetição e ruptura, manutenção e renovação, e é nessa tensão entre dois polos onde se dá o processo de funcionamento da educação, ou seja, a escola não serve historicamente apenas como instrumento de corpos pré-estabelecidos, mas também



para construção e legitimação de grupos sociais antes relegados, (SILVA, 1992). Snyders (1988, p.202) caracteriza a Escola como:

Uma organização sistemática e contínua das situações: primeiramente, há “pré-requisitos”, isto é uma preparação, um grau de preparação considerado indispensável ao que se faz; e portanto uma certa homogeneidade de formação, de conhecimentos, da idade esperada, reclamada dos participantes. Em contrapartida, o sistemático esforça-se para adaptar o que propõe a seu público. Em seguida, procede-se em ordem: há etapas, não se deve queimar as etapas, menos ainda ignorar sua existência. Uma sucessão corrente, do graduado; passo a passo; há um programa progressivo, uma “progressão”, como se dizia na linguagem dos antigos professores. Cada novo momento integra-se ao que precede, consolida o que precede e serve de garantia para ir mais além, cada degrau é ponto de apoio para atingir o degrau seguinte.

Já Pires (2010, p. 64-65) analisa a Escola em seu contexto social. Segundo a autora:

A escola é, depois da família, o segundo cimento social com o qual o aluno deverá edificar seu mundo: cultural, afetivo, cognitivo, social, físico, psicológico, político, espiritual, ecológico, interno, externo – democrático, enfim. Os alunos encontram-se na escola para trocar ideias, para fazer amigos, para aprender a viver em sociedade, para adquirir conhecimento. Para enfim, conviver, na tentativa de um crescimento pessoal que lhes assegurará um futuro melhor e mais enriquecedor, contando com uma educação que leve a cidadania a sério.

A escola e as pessoas nela envolvidas, especialmente os professores, estão enfrentando uma séria crise. Nela, onde se tenta transmitir conhecimentos, produzindo uma humanidade de melhor convívio social, depara-se com o choque de realidade nos padrões morais e familiares. Com isso a escola não está conseguindo atuar na produção e disseminação de conhecimento e acaba virando um “depósito de jovens”, lugar onde seus alunos ocupam o tempo, enquanto seus pais cumprem afazeres, perdendo o sentido dela própria.

Nesse sentido, o sistema educacional brasileiro afunda-se cada vez mais em um descrédito, dentro de um país que ainda não entende que sua base deveria ser construída por meio de uma boa educação. A mediocridade da criação de um processo de “avanço” escolar, junto aos baixos salários de professores, a falta de estrutura, a ausência de liderança e, principalmente, a impunidade são problemas a serem enfrentados no contexto escolar.

Além de todos os problemas já citados, é preciso se atentar quanto ao convívio social dentro do âmbito escolar, pois, é nesse espaço que os alunos frequentam a mesma sala, sem poder escolher sequer os professores e os colegas, que farão parte de sua convivência



(SNYDERS, 1998). Pires (2010) entende a escola como uma instituição multicultural, marcada pela convivência, com diferenciações e demarcações, e nesse processo multicultural escolar, é que nos deparamos com o ir e vir de tipos físicos e comportamentais diferentes, gerando conflitos e colocando em xeque a convivência.

O não aceitar o outro e suas peculiaridades multiculturais, produz provocações e violências, segundo Pereira (2002), essas podem se caracterizar por intimidações psicológicas, isolamento social entre pares, e o mau trato pessoal, salientando o drama das vítimas de atos violentos em ir à escola, e principalmente em frequentar o recreio escolar, momento onde deixa de existir o controle do professor. Segundo a autora o *bullying* na escola pode ser caracterizado como:

Situações em que um ou vários alunos decidem agredir injustamente outro colega e o submetem, por períodos prolongados, a uma ou várias formas de agressão: a agressão corporal, o extorquir dinheiro ou a ameaça. É praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, mais fáceis de amedrontar e/ou que tem dificuldade em se defenderem ou pedir ajuda. Para estes alunos, o ir à escola, em particular os recreios, é um drama. No recreio, deixa de existir o controle do professor, ficando mais expostos às investidas dos agressores (PEREIRA 2002, p.15).

Já Snyders (1988) analisa essas provocações como relações que destroem a alegria no contexto escolar. Segundo o autor, os alunos passam por situações de humilhações muito mais frequentes do que se pensa, e este assunto nem sempre toma a devida abordagem no contexto escolar, principalmente pelos professores.

Charlot (2002) trata a violência na escola a partir de três “categorias”: (a) é a violência que ocorre no contexto escolar, mas não é oriunda das atividades escolares; (b) é a violência provocada por alunos por meio de situações relacionadas a atos de *bullying*, principalmente relacionadas ao professor; (c) é a violência que a escola promove junto a seus alunos. Já Oliveira (2012) ao analisar a violência na escola, ressalta que ela pode ocorrer, entre outros motivos, pela “imitação de comportamentos adultos, vida familiar difícil, ausência parental e exigência de maior responsabilidade na escola (p.39)”. Segundo a autora, as regras de desempenho e resultados exigidos da criança não preparada, poderão levá-la à revolta, desencadeando atitudes de negação e agressividade frente à escola.

Fante (2010, p. 3) ao analisar o papel da escola como um todo, frente ao *bullying*, cita algumas ações a serem tomadas, para reduzir o problema e incentivar a cultura de paz:

Dentre as ações, podemos citar: capacitação de docentes e equipe pedagógica para o diagnóstico, intervenção e encaminhamento de casos; formação de equipe multiprofissional para estudos e atendimentos de casos; envolvimento da comunidade escolar; pais, docentes, discentes, equipe pedagógica nas discussões e desenvolvimento de ações preventivas; estabelecimento de regras claras sobre o *bullying* no Regimento Interno Escolar; orientação às vítimas e seus familiares; encaminhamento de vítimas e agressores e seus familiares aos serviços de assistência médica, psicológica, social e jurídica; orientação aos agressores e seus familiares sobre as consequências dos atos praticados e aplicação de medidas educativas capazes de mudanças comportamentais significativas; parceria com a família dos envolvidos na resolução dos casos; implantação de sistema de registro de casos e procedimentos adotados, desenvolvimento de atividades que promovam a cidadania e a cultura de paz, dentre outra.

Ao falar sobre o *cyberbullying*, a autora o caracteriza como um ato crescente de crueldade social, onde o mau uso do ambiente virtual resulta em atos violentos, nas relações interpessoais (FANTE, 2010). Sua prática entre jovens em grande parte é oriunda das escolas, e massificada pelos meios tecnológicos, as vítimas do *cyberbullying* sofrem com humilhações, mesmo buscando outra escola, cidade, ou país, decorrente em sua grande maioria, da difusão na rede mundial de computadores, rede móvel (*smartphones*) por meio da internet, tornando-o um ato ainda mais cruel do que o *bullying* tradicional.

Rocha (2013, p.1) cita atitudes que devem ser tomadas quando o *cyberbullying* se torna presente, no contexto escolar. Segundo a autora, os alunos que forem vítimas ou presenciarem algum caso de *cyberbullying* devem:

Comunicar aos setores que cuidam da integridade do aluno: Multidisciplinar, diretoria de ensino, diretoria geral ou a um professor. Salvar as páginas em que aparecem as ofensas em algum dispositivo e imprimir esse conteúdo. Com as provas em mãos, vá até à delegacia de polícia civil mais próxima. Para solicitar a remoção das ofensas, envie uma carta registrada ao prestador do serviço que hospede ao conteúdo na internet.

Ao proporem solução para o combate a atos violentos Francisco e Libório (2009), salientam a importância de levar em conta que o aluno está em desenvolvimento, e que, constrói recursos para lidar com esses atos. Além disso, segundo os autores, em alguns casos os alunos se veem perdidos em buscar soluções, visto o pouco auxílio recebido por parte da escola. Estas dificuldades estariam ligadas à:

Falta de informações e recursos para os profissionais da educação lidar com as distintas formas de violência. Daí a importância de trazer as discussões sobre tal assunto para o meio acadêmico, escolar e demais segmentos sociais, afim de que

avanços e respostas possam ser oferecidos a toda sociedade (FRANCISCO E LIBÓRIO, 2009, p. 206).

A diminuição da tensão dos ambientes violentos dentro da Escola, passa pelo envolvimento da comunidade escolar (professores, direção e pais), na tentativa de estabelecer entre outros, discussões e principalmente regras claras de conduta, onde esteja claro o que pode e o que não se pode fazer na escola, sendo respeitadas dentro de um processo estável, e que não mude por motivos de conveniência de interesses. Este seria um grande passo para o bom funcionamento da escola e para o apoio do aluno na busca de ajuda.

3. Considerações finais

Falar sobre *bullying* e *cyberbullying* na escola tem se tornado uma tarefa difícil, graças à grande banalização do tema frente aos alunos. Antes um assunto desconhecido, posteriormente mal trabalhado no âmbito escolar, tornou-se motivo de piada junto às brincadeiras de mau gosto ou atitudes violentas. Este fenômeno relevante passou a ser nominado e delimitado, sendo tratado entre a indiferença até a supervalorização nos diversos contextos escolares.

A conscientização para a diminuição do *bullying* passa necessariamente por pais, professores, e todos os envolvidos na educação, principalmente, nos dias atuais, em que o desenvolvimento também acontece no ambiente virtual, o *cyberbullying*, podendo tomar proporções gigantescas, pela rapidez de transmissão das informações. Discutir, problematizar e efetivar práticas contra a violência presencial e virtual na escola, e saber lidar com situações, frente ao agressor, a vítima, a vítima/agressor e a testemunha, será um grande passo para tornar a educação um direito, por consequência sua efetivação converter-se-ia em instrumento de redução dos índices de violência escolar, das desigualdades e das discriminações.

Referências

- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Porto Alegre, **Sociologias**, 2002.
- FANTE, C. Bullying no ambiente escolar. Brasília: **Revista Jurídica Consulex**, ano XIV,



2010. disponível em <http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf> acessado em 05/08/2018.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R. M. C. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. Presidente Prudente, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2009. DISPONÍVEL EM <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a05v22n2.pdf> acessado em 01/08/2018.

OLIVEIRA, H. A. C. **Violência entre colegas (bullying) em contexto escolar**. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa , 2012.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência**: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Porto, 2002.

PIRES, M. J. **Bullying escolar**: a corporeidade como fator de in/exclusão sócio-educacional. Dissertação de mestrado. Universidade regional do noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2010.

ROCHA, T. B. **Bullying, Cyberbullying e a Violência nas Escolas**. Disponível em: <http://telmabr.blogspot.com.br/> acessado em: 28/07/2018.

SILVA, T. T. **O que produz e o que reproduz em educação**: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo, Manole, 1988.